

# *Ontologia da Consciência*

## Capítulo 1: A Aleatoriedade Fundamental do Ser

Ao tentar rastrear a origem última de algo, cedo ou tarde nos deparamos com um ponto sem antecedentes: uma singularidade cuja existência não pode ser explicada por condições anteriores. Nesse ponto, toda explicação causal se dissolve, pois já não há antes, apenas o ser, dado em sua irrupção bruta. Define-se aqui essa singularidade como um instante inicial e irrepetível da existência, um ponto em que algo simplesmente é, sem se apoiar em causas anteriores.

Percebe-se, assim, que o ser, em sua primeira instância, é essencialmente aleatório, porque não há nada anterior a ele que prescreva necessidade, forma ou direção. A ausência de estados prévios implica ausência de qualquer coisa que o condicione.

Essa singularidade, como proposta aqui, distingue-se de concepções como a do *ato puro*, pois não se trata do *ser subsistente* que sustenta ontologicamente o restante. Ao contrário, ela pertence ao mesmo modo de existência de tudo o que dela se segue. Não se trata de um fundamento pessoal, dotado de vontade, mas simplesmente de um estado inicial suficiente do qual todo o resto decorre.

*A partir dessa compreensão, a intuição nos leva a perceber como ocorrência absurdamente improvável que o universo tenha se manifestado precisamente da maneira que conhecemos, o que será examinado em capítulos posteriores.*



## Capítulo 2: Diretivas Autógenas

É possível perceber a irreducibilidade do ser observando suas leis fundamentais. Essas leis não se explicam originariamente como efeitos subsequentes a uma causa nem se desdobram logicamente a partir de princípios mais básicos. Elas são diretivas ativadas por estados que satisfazem as condições para suas manifestações.

As leis físicas, como a gravidade ou a termodinâmica, não derivam de outras mais fundamentais, e mesmo assim, determinam como a matéria e a energia interagem, sem que sua origem possa ser reduzida a algo anterior ou deduzida de princípios mais simples. Assim, constituem manifestações da estrutura irreducível do ser, que surgem quando determinadas condições são atendidas.

Seria um absurdo conceber que o universo tenha vindo a existir em estado bruto, para só depois ser organizado por leis, pois não há causa possível que explique a introdução posterior delas no ser. Por isso, elas não devem ser entendidas como entidades externas ou extensões dissociáveis do ser, mas como manifestações do próprio todo, inseparáveis de sua estrutura. Onde há ser, há configuração. O universo não nasce para, em seguida, receber leis; mas já advém configurado por elas.

Essas configurações serão, a partir de agora, denominadas protodiretivas.

Levanta-se, então, uma questão: podem essas diretivas definir, gerar ou ativar outras diretivas?

Essas outras diretivas **hipotéticas**, geradas subsequentemente, serão denominadas neodiretivas.

Essa hipótese, no entanto, apresenta algumas dificuldades à consistência da tese. Se uma diretiva pode gerar outra, isso implica que, ao longo da vastidão temporal de um universo, uma *neodiretiva* poderia eventualmente surgir e alterar drasticamente sua estrutura, suprimir diretivas anteriores ou instaurar comportamentos extremamente caóticos, o que claramente não corresponde à relativa estabilidade observada em nossa experiência. No seguinte capítulo, serão oferecidas três respostas possíveis para essa questão.



## Capítulo 3: Regiões do Real

Antes de responder à questão levantada, é necessário considerar um ponto fundamental. A percepção da extrema improbabilidade de um universo como o nosso decorre da suposição de que existe apenas uma única instância de realidade, um único universo possível. Sob essa premissa, a ocorrência de um conjunto tão específico de *protodiretivas* parece estatisticamente implausível.

Como solução para esse problema, propõe-se aqui a hipótese das *regiões do real*: a noção de que o ser não se realiza de forma única, mas se expressa em uma pluralidade de domínios ontológicos independentes, cada qual regido por *protodiretivas* próprias.

Nessa perspectiva, nosso universo constitui apenas uma entre infinitas possibilidades de estruturação do *real*, o que torna estatisticamente compreensível que, em ao menos uma dessas manifestações, haja as condições que conhecemos. Essa solução não é necessária para a consistência lógica da tese, mas amplia significativamente a margem probabilística de sua plausibilidade.

Com a introdução desse conceito, seguem-se três respostas possíveis para a questão do capítulo anterior:

1. A primeira resposta é de ordem probabilística. Ainda que a geração de *neodiretivas* seja logicamente concebível, o fato de habermos um universo relativamente estável pode sugerir que vivemos em uma entre infinitas *regiões do real* em que nenhuma *neodiretiva* foi gerada, ou ao menos, nenhuma perceptível. Em uma distribuição infinita de possibilidades, não é improvável que existam *regiões* em que nenhuma *neodiretiva* foi ou será gerada.
2. A segunda resposta propõe a possibilidade de uma *protodiretiva* cujo próprio conteúdo seja o impedimento da geração de *neodiretivas*. Isso significaria que o universo comporta, além daquelas que dizem respeito ao comportamento da matéria, diretivas capazes de regular outras diretivas.
3. A terceira resposta é a mais simples. Pode ser que *neodiretivas* simplesmente não existam. Essa ausência não é logicamente necessária, mas tampouco é impossível.

Resta a pergunta se uma *neodiretiva* não poderia surgir espontaneamente, sem depender de uma *protodiretiva* que a gere. No entanto, essa hipótese encontra o mesmo obstáculo já apontado anteriormente: não há causa razoável para a introdução posterior de diretivas no ser. Qualquer diretiva que viesse a existir teria de fazê-lo concomitantemente com o universo ou ser gerada por outra.



## Capítulo 4: Origem da Consciência

Ao observar a consciência, nota-se nela um traço que a aproxima das diretivas: seu caráter irreduzível. Assim como as leis que regem o comportamento da matéria e da energia, a consciência não se deixa decompor em unidades explicativas mais elementares, nem se deixa deduzir a partir de condições anteriores. Deparamo-nos, portanto, com dois objetos distintos que compartilham aspectos de mesma natureza.

Ora, já foi demonstrado que as *protodiretivas*, apesar de sua irreduzibilidade, são compreensíveis como efeitos da singularidade originária do ser, cuja aleatoriedade torna possível o surgimento de propriedades não derivadas causativamente. Se a consciência apresenta a mesma estrutura irreduzível das diretivas, e todas as demais explicações para sua natureza são insuficientes, então a hipótese mais parcimoniosa é que ela seja, também, uma manifestação dessa mesma ordem.

Trata-se, portanto, de reconhecer que, em determinadas configurações materiais, ativa-se uma diretiva específica cuja manifestação é a experiência consciente.